

03 FEV 1988

JOORNAL DO BRASIL

Auc p 11

Opi

Cinco anos deslocados para segundo plano

Villas-Bôas Corrêa

“**V**ou cumprir o meu dever e seja o que Deus quiser” — esta frase, mesclando determinação e fatalismo, vem sendo repetida pelo presidente José Sarney, como um refrão às conversas políticas e bordão das avaliações administrativas.

Mas, o tom dos últimos pronunciamentos de um presidente que se sentiu ameaçado pelas denúncias de corrupção no governo e saiu em campo, de lança em riste, para a defesa da sua honra pessoal, a obstinação passional com que refuta alegações vagas e reclama a indicação minuciosa de fatos, circunstâncias enfim, acusação assumida e responsável, estão a sugerir uma alteração retificadora mais profunda no comportamento na sua linha de ação tática.

A carta de ontem a Dom Luciano Mendes de Almeida, secretário geral do CNBB, apenas acrescenta um dado a mais — e revelador — a uma guinada que vai afastando o presidente Sarney da obstinação pelos cinco anos de mandato, buscando desmanchar o rastro sujo que ficou do mutirão para a coleta de assinaturas na emenda patrocinada pelo Planalto e recuando para a postura muito mais esperta e competente de aliviar a pressão sobre a Constituinte para deixá-la à vontade para decidir pelas razões do seu interesse, os únicos que prevalecerão na hora do voto que realmente vale.

Essa lição de sabedoria foi abandonada no embalo de uma euforia enganosa e desgastante. O governo atirou-se de peito a descoberto na virada da Constituinte. Conseguiu assinaturas e começa a perder votos. A Constituinte não vota para agradar, para atender ao governo. As barganhas celebradas nos silêncios dos gabinetes trocam favores pelo jamegão. Completa-se a operação com a plena quitação e o parlamentar sai, lampeiro da vida, doido para limpar a ficha junto ao eleitorado batendo no peito na compulsão do remorso exibido e anunciando aos quatro ventos o voto nos quatro anos. Cinco anos é para apoio e negócio.

Ora, Sarney vinha numa boa. Em surpreendente recuperação. Em cima da derrota na Comissão de Sistematização, engrenou a marcha à ré e baixou a cabeça, conformado e humilde com a irreversibilidade da tendência manifestada pela Constituinte sincronizada com a vontade popular. O povo quer diretas e já. Ao presidente competia curvar-se à soberania da Constituinte, absorvendo a clara inclinação das ruas.

As brisas do Alvorada viraram a cabeça de Sarney. O *Centrão*, com aquele seu jeito de bancada governista, acenou



com a inclusão dos cinco anos e mais a manutenção do presidencialismo no seu “pacote” favorito de anteprojeto constitucional. O governo mordeu a isca e engasgou-se com o anzol. Governo não sabe agir com delicadeza, pisando macio, murmurando blandícias. Por isso é um perigo acionar a desmesurada geringonça para alcançar um objetivo político. Tanto faz este como qualquer outro governo. O cacoete, os vícios, os desvios são do sistema. Governo por aqui só sabe funcionar politicamente ao seu modo: corrempendo, trocando votos por favores, nomeando, fazendo favores, adoçando mordomias.

Mal comparando, lembra a história que enfeitava a biografia de Bereco, famoso bandido que andou pelo Estado do Rio, ligado ao ex-delegado Imparato ao tempo das tropelias em Caxias com o então deputado Tenório Cavalcanti. Lá uma tarde, andava Bereco pelo interior de Minas, ganhando a vida como boiadeiro e passou por Recreio em tarde ensolarada de verão atrás de boiada. Susteve o cavalo, goela seca pelo calor e a poeira, à porta de casinha modesta. Uma velhinha perdida no tempo olhava para lugar nenhum. Bereco pediu o favor de um gole d'água e foi atendido com gentileza do pobre do interior. Nisso, quando enxugava o canto dos lábios, um menino atravessa a rua e joga uma pedra na vidraça do casebre. Queixasse a velhinha da peste do moleque que implicava com ela sem motivo, atazanando sua vida.

Bereco não hesita. Saca o revólver e prostra o garoto com um tiro certeiro de profissional.

Era o seu jeito de fazer as coisas, de retribuir o gesto de bondade.

Pois o governo está reaprendendo a lição sabida e esquecida. Ao expor as suas razões, ao exhibir os seus interesses, reacendeu a má vontade da Constituinte, açulou a reação amortecida. Os votos estão virando com a rapidez da degradingolada. E, para mal dos pecados, a maré montante ativa na praia a imundície de denúncias, acusações, versões deturpadas, a enxurrada clássica que inunda os porões de governos em crise, impopulares, no final de mandato.

O recuo de agora pode ser episódico, imposto pela necessidade de atender a prioridades mais urgentes. Ou uma reavaliação esperta pousada no reconhecimento do engano perpetrado. Talvez apenas uma trégua, à espera da hora da decisão para valer, quando os trunfos serão postos na mesa. Pode ser tudo ou um pouco de cada. Mas, o que fica evidente na repetição do mesmo erro e na tentativa de correção é que o governo não se ajuda, só se atrapalha. A Constituinte pode até aportar nos cinco anos se puder decidir a salvo da pressão popular e na objetiva linha dos seus interesses. Não para fazer a vontade a um governo que não vai bem. E se Sarney refizer os seus cálculos, talvez chegue à conclusão de que não deve trocar quatro anos certos por cinco duvidosos. Quatro o governo tira de letra. Cinco é o salto aventureiro no risco.